

#DádivaDaVida por Ana Lavratti

Nada nos move mais do que um motivo nobre

Quem diria que o jogo da vida ganha intensidade no Segundo Tempo?

Quando cheguei nos 45, um festival de privilégios preenchia com perfeição minha ambição de rotina perfeita. Então troquei de Série...

Com 30 anos de prática, voltei pra teoria, aprovada no Mestrado na Federal. Tentando me situar no novo cenário, absorta entre as regras do campo do conhecimento, nem sequer percebi que um cartão vermelho emergia logo ali.

Da cor de sangue, subindo em câmera lenta.

Era dezembro de 2014, e o meu marido, que preenchia com perfeição a minha ambição de família perfeita, descobriu um tumor nocauteando o osso, bem na base da coluna.

Então embarcamos pro Havaí, que eu já conhecia e sabia: por mais gigante que fosse a dor, o paraíso em família preenchia com perfeição a nossa ambição de férias perfeitas.

Fundo do mar de submarino

Topo do vulcão em extinção

Malabarismo com fogos no show de cultura polinésia

“Surfe” no bico dos golfinhos do parque Sea Life

Caiaque na mansidão do mar, na praia privé do resort Disney

Jantar nas alturas, no restaurante giratório

Mergulho, stand up paddle, auroras e crepúsculos na paz do Pacífico.

Até que 2015 desponta no horizonte, em plena praia de Waikiki.

Trabalhando, estudando, com filha pequena e marido doente, a goleada foi descartada. E a vitória, suada, só veio nos pênaltis no ano seguinte.

No pior round da nossa vida, o Marcio honrou a torcida.

Venceu 15 cirurgias,

15 dias em coma dos 19 na UTI,

três meses de internação em Curitiba,

a fraqueza devastadora que o impedia de sentar ou segurar uma colher,

a longa rouquidão no rastro da traqueostomia, só curada com nova cirurgia,

e uma ferida tão profunda que se manteve aberta nos oito meses seguintes, até fevereiro de 2016.

O primeiro aniversário da alta hospitalar foi em Montreal. Aplaudindo da primeira fila, do camarote armado em uma ilha, um torneio mundial de fogos de artifício.

Enquanto os sons explodiam no céu, os sonhos eclodiam no coração, preenchendo com perfeição a nossa ambição de futuro perfeito.

Inebriados pelos aprendizados,
aquário e planetário em Chicago,
a história do automóvel em Detroit,
o castelo no alto de Quebec City,
o santuário nas alturas de Montreal,
a natureza desaguando em Niagara Falls,
os tobogãs gigantes da Wonderland Toronto,
a história do Canadá projetada na fachada do Parlamento em Ottawa,
show do Blue Man, grand slam de tênis e muito mais pra lembrar,
voltamos pra casa, em agosto de 2016, gratos e guarnecidos.

Até que os lances mais programados
Minha pesquisa do mestrado,
O doutorado do Marcio,
O prosperar da Lara em escola integral bilíngue,
Se encolheram lado a lado no banco de reservas.
Em maio de 2017,
o medo,
a dor,
os exames
e as despesas,
antes empurrados pra escanteio, voltavam vigorosos pro centro do campo.

Preenchendo com perfeição a nossa ambição de pai perfeito, o Marcio não se entregou.
Enquanto o tumor nos impelia a repetir a escalação,
Mesmo médico
Mesmo hospital
Mesmo risco
Mesmo sofrimento,
apostamos na mesma emoção, a visão do mar sem fim, pra lotar de garra o corpo e de paz o espírito.

O roteiro, mais uma vez, preenchia com perfeição a nossa ambição de viagem perfeita:
Mykonos
Santorini
Atenas
Rodhes
Ilha de Creta
Ilha de Malta
Ilha de Capri
E muito mais imensidão azul.

Dois meses depois, o destino já era o frio. E lá fomos nós, coesos e convictos, enfrentar o sprint final:
mais quatro cirurgias perfurando da pele ao osso
quatro dias inconsciente na UTI
15 dias imobilizado pelos riscos da medula vazando

um mês e meio morando num quarto de hospital
e uma certeza renovada:

Não importa o páreo nem o adversário,
na nossa família a força segue invicta,
a fé bate recordes,
e os obstáculos da corrida só servem pra lembrar
que nenhuma viagem ideal, coluna social ou rede digital supera a emoção da vida real.

E assim, comemorei 48...
poderia ter sido vencida,
mas fui convencida,
de que nada nos move mais do que um motivo nobre:
vencer, pra agradecer
o que preenche com perfeição nossa maior ambição:
a dádiva da vida.

Porque cada dia é assaz regalia

*Não importa o destino
Todos os dias, no dia-a-dia
Levo comigo a alegria
Sempre, a melhor companhia.*

*Da praia ao palácio
Do trabalho à vida em família
Renego a pose, a hipocrisia
E tudo aquilo que abrevia
Minha ilusão de cotovia*

*De quem madruga
Faminta por cada fatia
Da natureza entorno que nos sacia
Da beleza interior sem pedágio ou franquia
Plena, serena, sincera e sadia
Por distinguir que acordar é assaz regalia*

*Despida de disfarces
No dia-a-dia, todos os dias
Da solidão à confraria
Meu melhor acessório: a euforia
Colete blindado, moda à revelia
Dress code à prova de aparência vazia*

*Porque o cabide da inveja
Dispensei, sem valia
A gaveta da insegurança
Esgotei à atrofia
À prateleira da imitação
Decretei a alforria*

*Do jugo das joias
Aceitei a anistia
O necessário, coube na nécessaire
A gratidão que enobrece, o amor que entenece, a fé que inebria.*

Como assim? Um troféu pra mim?

Era 25 de novembro de 2017 e o cenário não ajudava.
No coração apertado, dois lamentos litigavam sem fim
feito Anastácia e Drizella sitiando o Príncipe Encantado.

De um lado os 10 anos de saudade da minha mãe,
que nos deixou em 2007 no dia da nossa padroeira, Santa Catarina.
Do outro o marido, meu amor, que completava nesta data um mês de internação longe de casa,
com todos os riscos que a medula vazando acarreta até mesmo ao corpo mais vigoroso.

Tristeza instituída, eu precisava seguir a vida.
E meu compromisso naquele sábado era com a festa e a felicidade:
cerimonial de 15 anos, com ambientação de sonho reproduzindo o baile da Cinderela!
Então separei os problemas, acomodei com cuidado sob o travesseiro, e prometi voltar logo, tão
logo cumprisse o meu trabalho.

De salto alto, maquiada, penteada, vestido cintilante, entre a torre de doces e os lustres de cristal,
embarquei num mundo de magia... até que as doze badaladas me lembraram da vida real: do
marido doente, dos projetos protelados, da filha feito cigana migrando de amiga em amiga
enquanto a mãe e o pai orbitavam do centro cirúrgico pra sala de recuperação.
A dureza dos problemas socados sob o travesseiro me obrigava a resgatá-los pra poder deitar, mas
não sem antes exigir mais de mim.

Será que treinando pouco, dormindo pouco, com passagem marcada pra voltar pro hospital na
manhã de domingo eu conseguiria honrar o convite, correndo em Palhoça no dia seguinte?
Racionalmente, a resposta era “não”, mas mesmo sem fada madrinha apostei no condão!
Antes das seis da madrugada, quando o despertador encerrou uma noite de chuva e “pé atrás”, pois
correndo o risco de pegar uma gripe seria melhor não correr, eu já estava de pé, ajustando o
figurino pros 5k da Fatenp.
Durante o caminho, não sei dizer quantas vezes a Lara perguntou se eu seria a última a chegar.
Nem sei quantas vezes prontamente respondi:
melhor ser a última entre os atletas do que a primeira entre os sedentários!
E na melhor companhia, da filha de 12 anos maior que eu, foi dada a largada.

Sensação térmica de 40 graus, coração ansioso pela minha menina sozinha, quando o fôlego de
criança naturalmente expirou, lá fui eu... #UmPassoPorVez #SemprePraFrente.
Ao honrar a medalha, tudo o que eu pensava era no horário apertado pra organizar a casa, tomar
um banho e retornar pra Curitiba. Tanto que nem foto eu tenho na chegada. Porque a chegada
mais aguardada, naquele 26 de novembro, era a minha no hospital, onde o meu Príncipe quase se
desencantava pelo vigor da dor pós extração de um tumor.

Passados alguns dias, recebo um e-mail da prova. Os vencedores deveriam entrar em contato pra receber o prêmio. Mesmo vendo o meu nome, ali em caixa alta, segundo lugar na minha categoria, a síndrome de Gata Borralheira não permitiu qualquer ilusão. O prêmio, imaginei, deveria ser pros vencedores na Geral.

Um mês mais tarde, de volta a Floripa, uma amiga vinculada à prova me parabeniza pelo troféu.

Como assim? Um troféu pra mim?

Naquele domingo eu poderia ter dormido,

arrefecido pelo céu nublado,

usufruído de desculpas concretas,

- da chance de compensar o sono parcelado pelo entra e sai das enfermeiras –

e desistido de correr.

Mas na dúvida, enfrentei o motim.

Eu disse sim,

ou nunca saberia que ali havia um troféu pra mim.

A osmose do medo

Pode não ser evidente

mas tenho a dor por vizinha,

companhia permanente

na mente, na rotina.

Não é em mim que lateja,

mas se apossa. Por osmose

o medo invade a medula;

sofrimento imune à censura.

Então saio, abstraio

assalto onde houver poesia

disseco a rima, extraio a estima

e assim que o sorriso irradia

trago pra casa... anestesia!

A vida flui feito ondas, ora abundante ora minguante

Às vezes a gente desiste antes da hora por não se sentir preparado,

Por um golpe da mente que sabota o sucesso,

Pelas eternas condicionantes... “se eu tivesse, quando eu tiver”,

Ou induzido por um predador invisível:

a arrogância que incita a terminar antes mesmo de tentar.

Os sintomas são claros, mas poucos reconhecem:

O medo de não ser aceito,

A vergonha de não ser aprovado,

A escravidão do ego,
A decepção, pela oferta abaixo do meu valor,
A arrogância, camuflada de cautela, prudência e paciência.

Na profissão que eu escolhi, é bem fácil se sentir assim.
Um dia sou “modelo” em campanha de lingerie
no outro sou jurada em concurso de Miss.
Um dia dou palestras, como convidada,
no outro sento em lugar marcado, na primeira fila do auditório lotado.
Um dia embarco pro Caribe, em outros pra Europa com tudo pago.
Brasil afora, do carro de boi da procissão ao helicóptero particular,
o Jornalismo abre-alas, permitindo que eu “me ache”,
mas a contrapartida tem o mesmo quilate.

Na profissão que eu escolhi, devo expor sem julgar,
E todos os dias, ser “ré” do que levo ao ar.
Julgada por poucas horas, no palco do cerimonial,
Julgada pela vida afora, se eternizo a história em um livro,
Pelo sorriso, se estou gravando,
A seriedade, entrevistando.
Pela aparência, quando chego,
E a relevância, “quem te segue?”
Julgada todos os dias por quem me lê,
julgada num dia sem direito a replay,
na Banca do Mestrado, 12 dias após saber dos riscos da cirurgia do meu marido.

Por isso eu resisto e me exponho sem sombras.
É o curso da vida, flui feito ondas.
Ora abundante ora minguante.
Sem esconder as fraquezas,
Sem refratar os fracassos,
Sem temer a recusa nem exigir o controle.

Às vezes a gente insiste, até depois da hora, pois se sente encorajado.
Por abolir a arrogância, acolher a abundância,
aceitar a acidez das críticas,
sorver o sal das lágrimas
que assusta, assumo,
mas detém o poder de realçar
o sabor controverso do nosso prosperar.

Asas amordaçadas

*Num dia comum
cravejado como outros de crivos e consternação
criei coragem e assumi as asas que escondia no roupão
Recolhidas no recesso dos meus sonhos*

*encolhidas pelo desuso, atrofiadas por decolagens adiadas
elas não abriram.*

*Resistiram, traindo a própria vocação
sucumbiram à prostração
aos deveres que prendem e pesam este par de pés
boicotando planos, sabotando meu planar.*

*Até que um dia cansei de me sentir cansada
tomei as rédeas das minhas asas
e ainda avoadas pelo clarão que se abriu
fechei um acordo comigo mesma:
alçar mais voos sem destino certo
chegar mais perto do que me faz feliz.*

*Arriscar. Num triz
abanei o pó acumulado
espaneí angústias e medos desbotados
pelo uso diário e fiel
feito fel, flagelando,
envenenando verve e ilusão.*

*De asas amordaçadas vivo sem sentido
sem sentimento, sou solidão.*

*Mas hoje não, não vou esperar a pista posta
proclamo a minha reviravolta
abdico da constância do campo de pouso
pelo amar sem amarras, até levitar.*

*Com mais versos, menos adversidades
desindexando a alegria da propriedade
jurei devoção ao meu condão
meu dom, real realização.
Alforriada feito fada, fiz da leveza uma lei
então alada... voei.*

A essência do meu ser dita onde vou me abastecer

Não faz muitos anos, a regra do sucesso era improvisar certo.
Parece tão contraditório... uma regra autorizando improvisado...
quando a essência da regra é conduzir todo mundo a agir igual.
Mas o fato é que havia tão pouca informação circulando,
sem métricas, data stream, normas de certificação,
coachs conduzindo a rotina ou técnicas gerenciando o tempo,
que cada um encontrava uma maneira própria de prosperar...
na carreira, na educação dos filhos, na gestão da vida, na geração da felicidade.

Aos poucos, e por muitos motivos, incluindo o mundo mais competitivo,
cada passo adiante se tornou incisivo,
mais planejado e arquitetado;
mais arriscado se não ponderar a infinidade de dados.
Do dress code à inserção social,
da declaração de imposto aos posts em rede social,
da mão que eu estendo como mãe aos passos que dou no treino de corrida,
tudo agora é cronometrado, cruzado, preconizado, padronizado.
Mais previsível e seguro, aparentemente. Mais justo, talvez. Mais exigente, com certeza.

Neste novo ensejo negligente ao desejo,
que acomoda num canto “o que eu quero fazer”
em prol do precisa ser agora-deste jeito-com este resultado,
não raro a gente acorda esgotado,
conhecedor do curso do mar, mas sem força pra remar.
Nestas horas ajuda saber onde eu consigo me abastecer.
O que traz vida pra minha vida,
inspiração pra minha mente,
energia pro meu corpo,
o que faz de mim pró-ativa.
E nisso, garanto, não há regra que incida.

Cada um, à sua maneira, detém este poder,
de analisar e compreender o que esvazia e o que provê.
Comer Rezar Amar,
comprar, acumular ou dividir o que tem,
uma família sensível, amigos sinceros,
a completa autonomia sem compromisso com ninguém.
A selfie com filtro, o abraço descabelado,
suar na academia, desbravar uma trilha.
fazer caridade ou trabalhar sem pausar.
A resposta, quem diria, não está nos relatórios nem manuais nem aplicativos,
mas na essência do meu ser, que dita o que vai abastecer.

Quando eu me encontro com amigos de infância,
e vejo que a distância não arrefece o amor nem entorpece a confiança,
porque temos as mesmas crenças e sonhos parecidos,
meu espírito infla, abastecido,
volta vigoroso, disposto e a postos pra enfrentar
o exaustivo e singular encargo de prosperar...

Um tempo que não se perde no tempo

*Havia um tempo em que não era preciso Copa do Mundo pra gente torcer em uníssono.
Um amigo torcia pelo outro,*

*e todos torciam juntos
pra festa chegar logo, terminar tarde
e o mais inacreditável
pras férias terminarem logo, pra gente se reencontrar.*

*Havia um tempo em que a ditadura do hábito não ameaçava a alegria da rotina.
Porque cada dia, tão igual na agenda
era um dia digno de se registrar no diário
porque todo dia era dia útil, de lucro,
dia de ganhar declarações-surpresas de amizade eterna
fruto de vínculos sem rótulos
acolhidas sem pré-requisitos.*

*Havia um tempo em que ninguém temia o novo,
nem tentar de novo
muito menos ser novo, inovador
porque o diferente, o peculiar, tinha aura de potencial,
porque ser autêntico não era caricatura
porque “ser novo” era um uniforme confortável
naquele tempo em que não se perdia tempo remoendo outros tempos
no afã de se sentir maduro ou, obsessivamente, parecer mais novo.*

*Havia um tempo em que as coisas que mais importavam eram as de menor porte
porque pra ser feliz bastava uma carona
um violão e um encontro marcado,
naquela época em que a gaveta tinha muito mais cartas do que extratos bancários
em que o sentimento dos outros era prioridade
em que a dependência não amordaçava a alma
em que conselhos valiam mais do que consultoria.*

*Havia um tempo em que o sorriso surgia fácil
e sem pressa
e que um presente não era uma promessa
porque já sobrava confiança, transbordava esperança
naquela época em que o combustível da vida não estava no pulmão
em que não se contabilizava o tamanho da família
porque era impossível somar tantos amigos
naquele tempo em que ninguém perdia tempo se comparando com os outros
mas com o melhor que poderia ser.*

*Havia um tempo em que o “impossível” era só um combustível extra
um tempo em que “perecível” e “volátil” eram meros adjetivos
porque a dúvida sobre os resultados não intimidava nosso empenho
porque o mérito do nosso trabalho não se reduzia em números
porque ninguém fazia o bem preocupado em deixar vestígios
porque não importava “o que teríamos em alguns anos”
mas “quem” teríamos para o resto da vida.*

*Havia um tempo em que o acostamento e os atalhos, mesmo os íngremes,
eram tão importantes quanto a via asfaltada que nos liga ao destino.
porque na estrada da vida, ter “acostamento” é contar com um amigo de infância
aquele de quem a gente só lembra quando precisa de ajuda
que fica à espreita, esperando ser útil, que nos salva sem sugerir recompensas.
Porque nessa trajetória ascendente,
ter um professor de confiança é encontrar um “atalho” morro acima
aquele que nos espia pela fresta larga da experiência
que nem sempre se comove ao nos ver perdendo o fôlego
mas que, sabiamente, nos ensina a conciliar ambição com ética
ascensão com companheirismo
eficiência com carisma
conhecimento com reconhecimento,
a subir na vida sem atropelar ninguém.*

*Esse tempo foi o tempo do colégio
um tempo que não volta
mas que também não se perde no tempo
porque a saudade sabe guardar, intactas, as melhores memórias.*

*E os amigos desse tempo
esses estão sempre prontos pra voltar
e extrair risadas da saudade até quando a memória falhar.*

*Por todo esse tempo
em que estivemos juntos
somos melhores hoje
e seremos mais felizes, sempre
porque, pra sempre, vamos lembrar desse tempo.*

O amor não é uma sentença. Ele acata mudanças.

Nesta semana, no dia 24, eu e o meu amor completamos 14 anos de casados.
Desde aquele 24 de janeiro de 2004.
Casados e apaixonados... ainda que tudo tenha mudado.
A começar pela filhinha que encheu a nossa casa de vida,
mas também de urgências e exigências.
Vieram as trocas de fralda,
as trocas de emprego,
Trocas de rotina,
Trocas de colégio,
E a troca que trocaríamos por qualquer outra:
das pistas de corrida pras macas no hospital.

Desde 2014, meu marido atleta, que correu sob frio intenso a Meia Maratona da Disney,

que por mais de 10 anos comandou uma equipe na Volta à Ilha,
que do judô pro remo pra natação pra corrida pra musculação sempre amou se mexer,
enfrenta uma maratona de dor pra dar conta do que fazemos sem nem perceber.
Sentar e levantar, caminhar, secar os pés, carregar uma sacola ou pôr a forma no forno.
Tudo, há 4 anos, precisa ser calculado com antecedência... o trânsito, a distância, o acesso, o conforto. Sem improvisos, sem aventuras, sempre com “plano B”, se precisar voltar às pressas.

E o que faz um amor resistir a tanta dor?

Ao contrário de tantos que se esvaem?

Apesar da doença, que nossos sonhos trai?

São os valores que temos em comum.

O zelo pela família, a disposição pro trabalho,

a convicção de que cuidar da saúde é um compromisso diário, como cuidar da cidade, do país e do mundo onde o nosso fruto há de gerar sementes.

A aceitação de que somos responsáveis por cada decisão e atitude que tomamos.

Sem mi-mi-mi... Sem quero fugir daqui.

Quando a gente assume o compromisso de ser uma família,
como naquela manhã de Verão, com olhos cheios d'água na Quinta da Bica D'Água,
quando toma a “decisão” de seguir o mesmo caminho,
é preciso cortar vaidades e egoísmos. Como “cisão” sugere.

Do latim, caedere, cisão é cortar, abater, esgotar, como cabe a nós fazer depois de tomada a decisão.

Cortar os obstáculos, cortar as armadilhas,

Se concentrar em quem nos conquistou não pelas diferenças,
mas por ter os mesmos valores, convicções e referências.

Se comprometer com quem nos entende

porque busca nas coisas os mesmos significados.

Não importa a posse, mas prosperar com lealdade.

Não importa o status, mas os amigos de verdade.

Não importa a beleza. A perfeição se propaga no coração.

Não importa quanto a vida exige que a gente mude.

O amor não é uma sentença. Ele acata mudanças.

Só não cabe mudar nossa decisão de amar.

Fácil não; fábula

*Ao se revelar, amortecendo a retina
e se desdobrar à luz da minha rotina,
nosso amor luzia em dupla aura,
de improvável... como sempre
ou de possível... como sonho.*

*A ilusão pedindo coragem,
a proteção clamando distância*

*e a clemência, santa ingênua,
engenhando a permanência.*

*Meu coração desregrado,
tatuado por turbulências
tateava um campo de pouso
ermo e sereno para o repouso.*

*Descrente, receoso...
Desistiu de aterrissar.
Tentou protelar, adiar,
fugir da fábula escrita a giz.*

*Mas na fantasia de um final feliz
já não podia arremeter, apenas ser,
sem seguros, promessas ou fiança
o lado de dentro da tua aliança.*

Nem dom nem dogma, mas um domínio que se exercita

Nos oito anos em que trabalhei na Band, do ano 2000 a 2007, cada demanda trazia consigo um desafio.

Como curinga do Jornalismo, ora apresentava o jornal ao vivo, no conforto do estúdio, ora entrava ao vivo pra todo o Brasil, em eventos regionais de interesse nacional.

Ora improvisava tudo, opinando na bancada do “Programa César Souza”,

ora seguia a risca o texto do script, até a narração, cronometrada, encaixar nas cenas já captadas...

ora carimbava o passaporte, gravando na Europa a “Série Reportagem”,

ora desbravava o entorno, pro “Nossa Terra Nossa Gente”.

De perto, vi a superprodução a serviço do superelenco da Band em São Paulo,

recebida pela Olga Bongiovani pra uma longa e carinhosa “conversa” transmitida ao vivo pra todo o país.

De camarote, acompanhei as Escolas na Passarela Nego Quirido, responsável por ancorar os intervalos, interagindo com políticos e personalidades do mundo do samba entre um e outro desfile do nosso Carnaval.

Em 2003, há 15 anos, foram mais de 10 horas de cobertura. Exigindo que eu contracenasse, feito amiga íntima, com dezenas de entrevistados com dezenas de procedências com dezenas de reações diante da câmera da TV.

Ver as pessoas murchando a voz, com o olhar sem saber pousar, intimidados pela condição de entrar em tempo real em milhares de lares, me faz questionar como pra mim a exposição é “simples assim”.

Não importa o tamanho do público, a qualidade do ensaio ou a dimensão da notícia, acho que enfrento sem medo por distinguir o momento; tratar um momento como 1 momento, não como se fosse a vida ou a performance definitiva.

Quando nós baixamos as expectativas,

esperamos menos de alguma ocasião,
fica muito mais fácil domar o coração,
confiar em si, controlar a situação.
E o mesmo vale pro nosso rol de relações.

Esperar menos dos outros,
compreender que têm prioridades diferentes das nossas,
que simplesmente não se importam nem se envolvem,
torna muito mais fácil evitar a frustração.
Esperar dos outros o que faríamos por eles
só funciona se à nossa frente houver um espelho,
e nesta semana este é o meu conselho:

Se for pra subir o padrão,
que seja das próprias ambições e longas pretensões:
quanto posso produzir, como eu quero viver, quem desejo ser.
Em relação ao agora? É mera parcela.
As reações dos outros? Espere menos delas:
menos cumplicidade, menos sacrifício, menos empatia, menos amor.

Administrar as expectativas não é dom nem dogma,
mas um domínio que se exercita.
Quando puder ajudar, não espere recompensa.
Não espere amor de mãe, só porque estendeu a mão.
E se acaso precisar de ajuda, não “projete” o remetente.
Ela pode falhar onde mais se prospecta,
como pode prover de onde menos se espera.

Amor maior. Vínculo-mor.

*O que dizer, do indizível?
Como esquecer, o memorável?
Onde encontrar, ser mais amável?
O que sentir, sem ti? Sei sim.
Teu amor sem fim. Chegando a mim.
Amor de mãe. Amor maior.
Vínculo-mor. Inesgotável.
Obrigada, mãe, por plantar em nós raiz tão forte.
O dom de ser feliz.
Por te sentir, pr'além da morte.*

Ser líder não é ser forte nem perfeito nem melhor do que os outros

No ano de 2012, provei um privilégio profissional:
responder no Brasil pela assessoria de imprensa da vietnamita Kim Phuc, Embaixadora da Boa

Vontade da Unesco.

Pelo nome, talvez nem todos reconheçam, mas Kim Phuc levou inimigos a repensarem os rumos da Guerra do Vietnã, ao ser fotografada aos nove anos, nua no meio da rua, correndo com o corpo em chamas, bombardeada em ofensiva aérea por um combustível altamente inflamável, o Napalm. Antes mesmo de embarcar pro Brasil, a “personagem” da foto que rendeu a Huynh Cong Ut os prêmios Pulitzer e World Press Photo esclareceu como preferia atender a imprensa: concederia uma entrevista exclusiva pra TV e uma exclusiva pra revista ou jornal.

Imediatamente, os grandes veículos pleitearam uma vaga, com o programa Fantástico e a revista Veja levando vantagem.

Então correspondente da Globo no Japão, o jornalista Roberto Kovalick veio até Floripa, designado pela intimidade com a cultura Oriental.

Na hora marcada, no último andar do Majestic Palace Hotel, o vento é tão forte que interfere na qualidade do som.

Então lá vou eu, remover os médicos da sala VIP e liberar a área pra gravação que já começa com atraso. E não tarda a nos frustrar.

Não lembro se foi cabo, bateria, microfone, mas não posso esquecer a angústia do Kovalick, com todas as perguntas na ponta da língua, obrigado a reconhecer que o equipamento fornecido pela TV local precisaria ser substituído.

Com um sorriso salvador, Kim responde a Kovalick: “não te preocupa, eu tenho paciência”. E nem por um instante demonstrou o contrário, até concluídos os trabalhos bem depois da hora prevista.

Em outro momento, entre muitos abraços espontâneos, Kim se dispôs a autografar as fotos onde revelava as sequelas resistentes a 17 cirurgias. E antes que eu me desse conta de que também desejava aquele autógrafo, distraída com as pessoas e a tradução inglês-português, ela estende a mão e me oferece um cartão...

À noite, na abertura solene do Congresso Brasileiro de Queimaduras, Kim Phuc fala de gentileza e perdão. Fala de paciência, de compreensão. Fala do que pratica. Da total serenidade diante dos imprevistos, como eu mesma havia visto. Porque era grata pela cura física, pela chance de sobreviver após 14 meses de sofrimento e internação. Era grata pela cura espiritual, pela coragem de reencontrar e perdoar o piloto que seguindo ordens soltara a bomba sobre a sua aldeia.

Mas nada daquilo teria me tocado ou convencido se eu não tivesse presenciado, naquela tarde, a genuína autenticidade: o exemplo por trás do discurso; a paciência diante do problema; a boa vontade da Embaixadora da Boa Vontade!

Passado o Carnaval, que tal fazer igual?
despir as fantasias que mascaram nossa essência,
negar-se a imitar quem só conhecemos pela aparência,
assumir quem somos sem temer condenações,
conciliar o que pregamos com as nossas ações,
transformar dor e doença em alavanca pra mudança,
perdoar a nós mesmos... porque errar não é ofensa.
Errar é só escala entre o possível e o pronto,
parte do percurso, como a risada e o pranto.

Com mais da metade do corpo queimado,
“revivendo” a tragédia em público 40 anos depois,

Kim Phuc falou da resistência em aceitar ser “aquela”,
do sacrifício prolongado até aceitar ser quem era.
Nos convencendo que ser líder não significa ser forte
nem perfeito nem melhor do que os outros.
Ser líder, a pessoa que inspira, em quem se espelham, é viver sem filtros.
Ter coerência entre o que diz e o que faz.
Reconhecendo os méritos, mas também os defeitos
(por distinguir a lacuna entre esconder e resolver).

Meu vício, até o fim, desde o início

*Todo dia eu durmo às 10.
Todo dia acordo às 6.
É esta a vida real.
Às 7, recomeço o ritual.
Lapidar cada letra.
Encaixar cada ponto.
Espremer cada palavra.
Até me convencer que exprime
o que convém ou não contar.
Todo dia, feito vício,
acordo e me ponho a digitar.
até o fim, desde o início,
fiel ao métier que insisto em amar.
Todo dia, torno útil,
trabalhando agradecida, retro-abastecida,
seduzida por todos os meios
da profissão que abracei por inteiro.*

#UmaAlegriaPorDia

Nos últimos anos, como presente da profissão, tive a oportunidade de ir a dezenas de palestras, mas dezenas mesmo, com grande frequência. E cada uma, acredite, compartilha a fórmula perfeita... pra felicidade, pro sucesso, pro êxtase, pro êxito, pra uma vida feliz, pra ter fortuna e poder... Mudam os títulos, as técnicas, os exemplos, mas no fim tudo converge na mesma promessa de aproximar o que temos do que queremos...

Transformar
a família que temos,
o trabalho que temos,
a aparência que temos,
o status que detemos
naquilo que, a nosso ver, merecemos!

Somando as lições de atletas, gestores, filósofos, mágicos e cantores – todos palestrantes encantadores - às profecias que viralizam via redes sociais, somos golpeados todos os dias pelas

mais contraditórias soluções.

Ora a plenitude reside na vida simples,
ora os bens acumulados justificam a existência.
Ora a disciplina é o segredo das conquistas,
ora o ócio criativo precisa constar na agenda.
Ora o “tempo” é meu maior patrimônio,
ora prosperar sem propósito é pura perda de tempo.
Ora minha aliada é a máxima autenticidade,
ora a liderança é um exercício calculado.
Ora um coach aponta os caminhos mais racionais,
em outra o que me move são constelações de ancestrais.

Tonta entre tantos discursos, pelo menos uma unanimidade tive a sorte de localizar!
Não importa o caminho, é o meu caminho. E com ou sem bússola, a peregrina sou eu.
Posso até encontrar atalhos, conseguir carona, acelerar ladeira abaixo, me dar uma trégua sob a
copa frondosa da figueira, mas jamais terceirizar uma jornada que é minha. Por mais que me
depare com um rochedo, um cânion, um cantil vazio no desamparo do deserto.

Pra mim, há 4 meses foi assim... Não havia “uma pedra no meio do caminho”, mas uma muralha
tão alta que arrolhava o horizonte. No dia 25 de outubro de 2017 meu marido voltou ao centro
cirúrgico pra mais uma bateria de cirurgias vascular-ortopédica-oncológica, aos 38 anos de idade.
Entre a comprovação da reincidência do tumor, em maio, até a internação, cinco meses depois,
pode-se imaginar o que passamos... A começar pelos fantasmas, também recorrentes, das mais
de 15 cirurgias vivenciadas anteriormente.

Na longa, insegura e sofrida contagem regressiva, sabe o que nos salvou? #UmaAlegriaPorDia...
A cada manhã, junto com o festival de preces remetidas cheias de expectativas, eu me fixava em
um momento daquele dia com o potencial de ser especial. Um agrado pra filha, encontrar uma
amiga, conhecer um lugar, entregar um trabalho, provar uma comida, sentir a natureza, restaurar a
beleza apagada na noite em claro... E quando o dia revelava que a insônia procedia, porque os
riscos eram enormes, o orçamento era enorme, os transtornos pra conciliar filha dependente com
marido doente eram enormes, eu parava e pensava na “alegria” do meu dia... Naquele momento
recém-vivido ou que viria em seguida, onde eu me abasteceria.

Eleger #UmaAlegriaPorDia permitiu que eu trocasse o lamento pela atitude, o medo pela
esperança, a apatia pela ação. Porque o foco estava sempre no palpável, no próximo e no possível.
Na alegria que eu tinha ao alcance da mão e não no desespero que pairava sobre os ombros.

Privilegiar #UmaAlegriaPorDia mesmo sabendo que o sofrimento viria, e se prolongaria, me nutriu
de forças pra enfrentar valente e confiante aquele 25 de outubro. Pela simples mágica de que
aceitar uma experiência negativa é por si uma experiência positiva. Ao confirmar o problema,
pousei mas não repousei sobre ele... Expulsei qualquer tendência de sofrer com antecedência,
otimizei toda chance de ser feliz e mantive a vida ativa. Xô prostração e preguiça. Nada de protelar
e procrastinar. Aqui o sofá não sabe o meu DNA!

Escoteira da escrita

*Quando escrevo sobre as sombras do amor,
sigo rotinas de sortilégio.
Porque escrever exige coragem. Mas também sorte.
Requer sensibilidade. Mas, acima disso, humildade,
pra ser réu de mais letrados, ou mais amados, ou pouco amáveis.*

*Por não saberem que na solidão da escrita,
sou serva dos sentimentos,
concupina de anseios,
cortesã de receios,
manceba de censuras que ora ousa desafiar.*

*Por saber que na sofreguidão da escrita,
entre soluços e sorrisos,
desbravo fósseis esquecidos no fosso da memória,
encontro cartas e carinhos, autênticas jóias.
São amparo, sem páreo,
quando a dor insiste em esboçar
diamantes derretidos no meu olhar.*

#EuMePermito

Todas as previsões apontavam meu nascimento pra década que despontava: os anos 1970. Mas contrariei! Sob as bênçãos de Nossa Senhora de Guadalupe, a Virgem Maria aclamada Rainha do México, Patrona-Imperatriz-Padroeira da América Latina, nasci em 12 de 12 de 1969. Sonora, a data rima dos números à cadência: 1...2...1...2... Mas o mais lindo, pra mim, é o que ela representa: dia da Virgem Maria designada em 1999, pelo Santo Papa João Paulo II, a “protetora das crianças que ainda não nasceram”. Devoto de Nossa Senhora, João Paulo contrariou toda a tradição de lápides em ouro e luxo do Vaticano pra repousar na sede da Igreja Católica sob duas únicas inscrições: “M - Totus Tuus”... “Maria - Todo Teu”. Quando eu nasci prematura, tão fora de hora que meu pai ficou sabendo fora do Brasil, Nossa Senhora de Guadalupe, tenho certeza, estava comigo... 30 anos antes de virar a “protetora das crianças que ainda não nasceram” ela permitiu que eu nascesse... no dia dela...

Cheguei tão pequeninha que quase sem perceber minha mãe já tinha nos braços a Ana Cristina... Euzinha!
Ana como Santa Ana, mãe de Maria.
Cristina fiel a Cristo, o Filho.
Ana Cristina devota de Maria, que 30 e poucos anos depois mandaria o Marcio, nascido em 2 de 2, Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, pra criar comigo uma família cristã.
Mas apesar da fé gigante, continuei pequenininha.
O pé estacionou no 34.
A cintura? Ufa!! Continua fina.

A estatura?? Imagina!! Aos 11 anos minha filha já me olhava de cima.

E de tanto não alcançar nas prateleiras,
Perder chances ao meu alcance
porque a discriminação “invisível” é implacável,
fiz uma aliança comigo mesma:
se altura não é um valor que julgo nos outros,
também não será um problema que condeno em mim.
E assim... claro que não cresci, mas compreendi... que em todas as esferas da vida posso escolher
as referências, a que me comparar, resignificar.
Sem corrigir fotos ou manipular fatos, posso dar um sentido sereno ao que parecia sinistro.

Relevar, por exemplo, o que não consigo mudar.
Revelar idade e rugas e manchas e me aceitar.
Elevar a auto-estima, que não depende de altura,
Como a consistência não depende de aparência,
E o amor não depende de nada... Quanto mais real, mais incondicional.
Então o que era doloroso... condição da qual não posso fugir,
virou sinal poderoso... a centelha do sentir!

Sentir que me sinto bem comigo mesma, mesmo nas mecas da beleza,
nos concursos Gata Band e Garota Atlântida, como jurada,
no Miss Mundo e Mister Mundo, com igual compromisso,
e também na frente das câmeras, porque #EuMePermito.
Me permito ser fotografada, com defeitos e sem filtros, pra engordar uma campanha onde
magreza não é pré-requisito. Porque no projeto pró-auto-estima-feminina da Lingerie Scala
Iguatemi, a beleza não está no tônus nem nos contornos, não está em ser leve mas no que não se
mede: um amor próprio alheio a propriedades e pré-requisitos.

Vento entre as asas no voo dos outros

*Vocacionada a se defender
com mãos dadas em vez de espadas,
a fazer da ternura materna
escudo entalhado no coração calejado,
a manter o sorriso em polvorosa
ainda que no peito se alastre a pólvora das provações.*

*Não importa a batalha
você mulher enfrenta de frente
a pressa, pressão e opressão,
a hipocrisia e a covardia.*

*Pára-raio das famílias,
fio-terra da sociedade
pacifista, propulsora,*

vento entre as asas no voo dos outros.

*No seu Dia, brava mulher,
esqueça as guerras ingratas
angústias ou ameaças.*

*Concentre-se na sua raça,
no seu poder interior,
na dádiva de ser ao mesmo tempo
semente, regador e flor.*

*Privilegiada por merecer,
condenada a multiplicar
ao infinito o amor.*

Porque sujar os pés lava a alma

Mais um domingo de sol escaldante,
mas em vez do biquíni, amarrei o cadarço
pra sujar os pés e lavar a alma nas areias fofas de Jurerê.
Entre as belezas que cravejam nosso hino
“ao som do mar, à luz do céu profundo”,
foi dada a largada pra mais uma corrida:
SesiBeachRun às sete e meia da manhã.

Camuflada entre atletas e heróis,
fiz das passadas passaporte
pros dias questionando a sorte,
vivendo no breu, vizinha da morte.
11 anos se passaram desde 2007, quando todas as letras, números, diagnóstico e prognósticos
prometeram pra mim 10 anos de vida.
A contragosto, em colapso, iniciei a contagem regressiva.

Àquelas alturas eu tinha um bebê desabrochando
e tinha uma mãe se despedindo,
poupada de saber que eu padecia do mesmo mal:
um tumor se multiplicando, em endereço e estágio distintos.
Pra mim, se revelou na fase microscópica,
pra ela, só depois da metástase.
Até que Deus aliviou o sofrimento e a levou um mês antes do Natal, 15 dias antes da minha
internação seguida por 11 dias de total solidão (pós-iodoradioterapia, que exige isolamento da
família, da enfermagem, dos médicos, delimitando qualquer contato por um biombo blindado).

Dependente de hormônios pelo resto da vida,
devastada pelo luto de quem me deu a vida,
desamparada, amortecida,

com bebê pedindo colo, sem tónus pra carregar,
o peito pedindo consolo... ninguém capaz de dar,
com GPS no pulso mas sem impulso no coração,
cabia a mim, só a mim, transcender tal condição.
Amortizar as dormências que me impediam de sentir os pés
nas lembranças das passadas, de quando os pés tinham asas.

Correndo no Havaí, entre o céu e o mar de mesmo tom,
na terra do sol nascente, nas férias no Japão,
às margens da ferrovia, chamuscada pelo frio do inverno alemão,
entre lagos e campos de golfe, fluindo, na Flórida... ou em Floripa,
onde eu descobri assim, desfalecendo na corrida em pleno Natal, que na minha barriga batia o
coração de quem nunca mais me deixaria cair...

Entorpecida de boas memórias,
movida pelo maior compromisso, de dar pra Lara um doce-lar,
depurei os pensamentos e voltei a correr. Passo a passo.
Voltei a correr. Pace a pace. Até desinfetar a mente,
pacificar os medos e acreditar que os pesos
que se acumulam nos ombros insistindo em me vergar
não se comparam à pressão que eu consigo suportar.

Um ano depois de retirar o tumor, comemorei me inscrevendo na run series da Track n'Field,
prova cheia de poças, pela madrugada de temporal e insônia,
e eu ali, anônima, escutando dos passos aos pássaros, "escrutando" a emoção.
No íntimo, vibrava uma percussão: mesmo o último lugar seria superação.

Daquela estreia nas pistas em 2008, até agora em 2018, tudo mudou pra mim.
Ouso acreditar que a minha força não tem fim.
Antes de pesquisar neurociência aprendi pela experiência:
que posso dominar o que eu penso, amestrar o que sinto.
Posso projetar sem freios porque esqueci como é ser frágil.
Mas nunca vou esquecer daquela manhã, quando vesti a primeira medalha.
Quadrada. Como tem sido a vida... sempre oferecendo quinas onde me agarro e arremeto.
#UmPassoPorVez #SemprePraFrente,
e quando guardo a medalha, como não vibrar?
De corrida em corrida, movo a engrenagem da vida.
Sem data de validade... porque hoje "10 anos" tem novo significado:
é a idade da minha caixa de prêmios acumulados.

A sutil arte de enfrentar em vez de escapar

Imaginem um lindo salão de festas,
com uma linda mesa de delícias,
com lindas anfitriãs,
com lindos convidados,

reunidos por um lindo motivo...

Eu poderia dar detalhes, claro,
mas prefiro que cada um imagine,
certa de que ninguém vai acertar,
exceto quem estava lá...
na reunião de março do Nosso Clube do Livro.

Um espaço pra falar de literatura, da nossa postura,
escavar as cores do texto em preto e branco.
Sem tempo pra falar dos outros, porque a referência aqui não é
a amiga perfeita nem o vizinho rico nem o fulano que faz tudo errado.
Não é a amiga que faz tudo errado nem o fulano rico nem o vizinho perfeito.

Aqui, a festa não é desculpa pra “esquecer da vida”.
O livro que é desculpa pra parar, refletir, questionar,
se comprometer com a vida, com a evolução contida
num título que eu nunca ousaria escolher:
“A sutil arte de ligar o foda-se”, best-seller de Mark Manson.

E assim, enquanto as borbulhas se diluíam na taça do espumante,
aprendi a dissociar o instante,
distinguindo a culpa da responsabilidade!
O quanto é propulsor me concentrar no agora, no pra que, no como posso resolver,
porque sou eu a responsável por tudo o que acontece comigo,
em vez de me exaurir no passado, no por que, no que não é passível de mudar,
na ilusão de que não deter a culpa me exige de solucionar.

Entre os croissants de figo contraditórios, tão doces quanto salgados,
aprendi a discernir o círculo vicioso de um virtuoso. O que é muito curioso!
Em vez de sofrer por me impor a obrigação de estar sempre feliz,
(afinal nas redes a felicidade transborda em qualquer instância)
que tal me importar mais com o que detém real importância?

Grandes momentos, não raro, estão contidos em pequenos detalhes...
como as miniaturas de *naked cakes*, que guardam em si um bolo inteiro,
como um livro, que pode parecer leviano, mas é capaz de nos tornar livres,
pela mera lembrança de que estabelecendo novos parâmetros podemos
escolher os nossos problemas,
encolher o nosso sacrifício,
eleger as nossas lutas
e ver emergir o melhor de nós pela simples decisão
de enfrentar, voluntariamente, a escapar do encargo vigente.

O pólen de uma fé mais fértil

*Quando a gente acredita em bênçãos disseminadas,
na retidão recompensada,
os milagres, feito plantas, brotam ao nosso redor.*

*Quando a gente credita a Deus o compasso,
certos de que quem apagou o passado, há 2018 anos,
sabe ajustar o nosso timing e guiar os nossos passos...*

*Quando a gente acata a atribulação
como fonte de adubo camuflada em folhas secas,
como estágio nobre do aprendizado e da evolução...*

*Quando a gente se contenta com dias diferentes
do que semeamos pra nós e os nossos, convictos
de que Deus deposita um propósito em cada dor,
tudo na vida se torna revelador.*

*Como o fogo que tem seu rumo premeditado,
que cozinha e aquece, se estiver em pé,
que desola e destrói se correr deitado...
Assim procede com a nossa fé.*

*Quando está na direção do céu,
no caminho incondicional do amor,
é semente, regador e flor!
A pergunta correta pra resposta certa.*

*Não diz quando, nem por que, nem com quem,
mas diz como eu, como filha de Deus,
vou colher mais do que plantei.
Só preciso acolher o que cabe a mim prover:*

*Contribuir e confiar, impassível,
pra fazer dos meus braços
os troncos de um mundo possível.
E o meu abraço, pólen de uma fé mais fértil.*

Um dia perfeito... sem pré-requisito.

Se eu quisesse eternizar um dia perfeito,
não poderia, pois ele seria... todos os dias.
Todos os dias em que vivi por inteiro
tudo que havia ao meu alcance,
comemorando o pequeno passo adiante,
aprisionando o melhor que eu podia aprender,
convencida, mesmo exaurida, que nenhum sonho supera o viver.

*Se eu pudesse eternizar um dia perfeito da vida,
seria a Páscoa no Bourbon em Foz do Iguaçu,
quando a Lara acreditava em Mônica e Cebolinha
e também a Páscoa de agora, quando sou eu que acredito
que a filha maior que eu segue sendo uma menininha.
...Os dias antes da doença,
quando o Marcio corria desbravando a terra,
e cada dia do longo tratamento,
porque nenhuma sequela,
nos ossos e nervos e pele e medula ou na postura com novo trejeito
tira do meu amor a aura de amor-perfeito.
...A rotina de workaholic,
trabalhando de madrugada, nos domingos e feriados
quando não tinha à espreita um abraço,
e hoje também, quando desato o laço,
abdico do conforto e da melhor companhia,
pra produzir e prosperar pela minha família.*

Dia perfeito não é só aquele que deixou saudade,
nem sequer aquele em que percebi vantagem,
mas também o dia que só valorizei mais tarde.
Perfeito por um amigo que provou ser fiel,
revelar uma ponte entre eu e o céu,
romper meus padrões, acatando os instintos.
Um dia perfeito, sem pré-requisito...
é aquele na medida certa,
quando escolhi a expressão que liberta
pra renovar minhas crenças, apagar até lembranças.
Priorizei a palavra positiva, pequena mudança
capaz de reverter desamparo em esperança:

Em vez de chocolate... o sabor de conviver.
Na dificuldade, a chance de aprender.
Em vez da desistência, executar o Plano B.
Na troca de emprego... hora de surpreender.
Nas perdas e fracassos; vou me auto-conhecer.

Quando eu “traduzo” os tropeços,
pinçando o viés positivo e intenso,
não só me consolo, me convenço
que hoje é um dia perfeito.
Porque me pertence... Presente!

Quando a fé é inteira, não existe bênção pela metade!

Na nova sociedade movida a redes sociais. Com vínculos baseados em uma foto. Com

amizades descartáveis destituídas em um clique. Conexões alheias ao convívio. Laços tão frouxos que priorizam *likes* automatizados sobre a ligação bilateral. Porque esta exige esforço, entendimento, tem encargos e sujeições. Neste cenário cheio de filtros, cheio de divas, cheio de festas top das galáxias, quanta contradição... não raro o vazio lota o coração! Por isso neste domingo nossa manhã foi *off*. Conectada em Cristo. Com a família unida na fé, reunida na igreja, festejando a Primeira Comunhão da minha filha. A real comunhão com um legado milenar.

A Palavra que promete, que protege, que pra nós sempre cumpriu suas premissas. *“Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios. Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos. E aos que predestinou, também os chamou: e aos que chamou, também os justificou; e aos que justificou, também os glorificou. Que diremos depois disso? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Romanos, 8:28-32*

Com especial orgulho, revi todo o esforço dispensado à catequese durante mais de dois anos. Levar, trazer, convencer que mesmo estudando em período integral os encontros caberiam na agenda da noite. E quando enfim a minha filha recebeu a Eucaristia, não teve festa nem presente, só família em harmonia, porque nenhuma joia faz jus ao que ela ganhou por si: a certeza de consolo perene, amigo onipresente, bênçãos concedidas... Não no meu tempo, leigo, parcial e impaciente. Mas ao tempo de Deus, relator dos meus desígnios, provedor sensível, sensato e sem limites no seu amor.

“Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á” Mateus 7:7-9. Um dia, confesso, eu pedi esta filha. Pedi a Deus que a boneca, loira, fofa e de olhos azuis, não fosse apenas o brinquedo preferido, mas também premonição. E assim a Lara nasceu. Da mãe morena, árabe-italiana, veio a Lara, bem clara, com olhos da cor do céu. Aos poucos, parou de mamar, e o olhar mimetizou o fundo do mar, mas o milagre, de ter dado a vida, escolhido um nome e batizado na crença que me abastece, este se renova a cada dia.

E quando a gente tem um filho fica fácil imaginar o amor de Deus por nós, seus filhos. A obsessão por nos ver bem, a disposição pra dizimar problemas. Mas quando a gente tem um filho, também consegue entender porque a mágica não vem num passe. Porque é um pacto de longo prazo, com caminhos a desbravar, valores pra lapidar, diretrizes a interpretar, aprendizados e decisões a tomar sozinho. Embora acompanhado. Porque *“O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” Romanos 8:16.* Serenamente convencido de que a crença concretiza a esperança. *“Porque pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança; porque o que alguém vê, como é que ainda o espera?” Romanos 8:25.* Por isso tudo o que quiser, peça, mereça e agradeça. Quando a fé é inteira, não existe bênção pela metade.

Recriar a linha da vida. Ou ficar à deriva?

Às vezes, abro a janela e tudo parece cor de asfalto.

Leio as notícias... e tudo tem tom de conflito.

Recebo as contas. Como? Subiu ao infinito...

Se deixar, transborda a torneira do lamento!

Então me concentro.

Posso não dominar as nuances do tempo,

os trancos na economia, as intempéries internacionais.
Posso ser refém do trânsito, vítima do barulho ou alvo da violência.
Mas certamente, felizmente,
tenho a meu alcance um diamante gigante.

Posso, por exemplo, cuidar de mim.
Rasgar menos pacotes. Arregaçar mais os olhos pra comer com critério.
Posso ganhar resistência com menos esforço. Sim... É simples.
Encaixando os exercícios que eu gosto na rota da minha rotina.
Perto de casa, do trabalho, dos compromissos, da retina.

Posso, pretensiosa, parodiar Drummond.
Assegurar que “havia uma pista no meio do caminho”,
“que no meio do caminho havia uma pista”.
Uma pista, à espreita, esperando por meus passos.
Indelével no deleite de dar ao peito novo compasso.

Na nossa família, as pistas são pretexto pra grandes conquistas.
Troféus, medalhas, amigos,
Força, fôlego e lindas fotos.
Saúde e inspiração pra treinar, mesmo quando a pista ganha novo altar.
Entre quatro paredes, na academia. Entre as gaiolas na fisioterapia.

Assim como as desculpas surgem sem chamar
os resultados também, aparecem num piscar.
Só preciso eleger em que prefiro me concentrar!
Treinar um pouco por dia e recriar a linha da vida. Ou ficar à deriva...
pensando que eu poderia... que mudaria... como seria... um dia...

Ser atleta não é vocação... nem competição.
É sentir-se. Um estado de espírito.
É quando consigo primar por mim. Perceber o pequeno progresso.
Repetir e insistir quando a vontade é parar. Avançar. Perseverar.
Quando a saúde aflora, o amor-próprio corrobora!

A morada do meu amor

*Quando olho pra ti, filha,
Não vejo pele nem músculos nem as curvas do teu cabelo.
Eu vejo o universo em prosa de verso.*

*Andorinhas planando tão leves
e indeléveis
se vierem os ventos contrários.*

O fundo do mar

*que só revela seus tesouros a quem mergulhar
em outro habitat.*

*Vejo o topo da montanha
alheio aos trancos e barrancos
que congestionam nossa existência.*

*A essência que reside na seiva, que alimenta e
oxigena meu mundo. Escondida e
onipresente feito amor profundo.*

*O céu flutuando, impávido colosso,
acima das tempestades e turbulências.
Vejo estrelas que fulguram e a terra mais garrida.*

*O sol feito anzol em raio vívido
tocando com luz, calor e sentido
aquele que não foge à luta.*

*Em ti, filha, não vejo mãos nem dentes nem olhos.
Vejo o gesto de quem é genuína
no interesse pelos outros, braços a postos pra abraçar.*

*Sorriso solto pra amenizar
os motivos teimosos pra gente chorar.
Vejo o olhar... ah... esse olhar...*

*de quem lê meus pensamentos,
copia meus lamentos, numa cumplicidade que poderia acentuar,
mas só te olhar já cura. Porque és pura. Pura tradução do que eu ousei sonhar.*

*Contigo, meus campos têm mais flores, meus bosques têm mais cores.
O futuro tem mais glória e o passado tem mais paz. Porque és tu
entre outras mil, a filha adorada, pátria amada e morada... do meu amor.*

O poder que a gente detém quando se permite amar alguém

Às vezes a vida pira. Mas que sorte... ela gira... e o mundo muda pra melhor...
Às vezes a vida estira... como se o dia, só de dores & danos, nunca fosse ter fim...
Mas então o amor ampara, e o tempo - que não para - conspira a nosso favor.

Nesta época, há meio ano, eu morava no hospital!
Tentando obstinada desviar dos fantasmas da internação anterior.
Como vista exclusiva, tinha o sofrimento do meu amor...
breves escapadas, só da janela do computador.

Passando os dias desejando que os dias passassem,
pensava em tudo o que passamos desde o pré-diagnóstico aos 35 anos:
um tumor agressivo instalado na base da coluna,
um tipo incomum, tão profundamente encaixado
que só pôde ser extirpado graças à excelência dos cirurgiões.

Desde então perdemos a conta dos riscos e sacrifícios.
Se é pra contar, vamos contar vantagem: os milagres.
Mais de 20 cirurgias com anestesia geral.
No quadril, pra biópsia, extração do tumor na coluna e controle da infecção.
Depois nas cordas vocais, pra compensar os calos da traqueostomia.

Mais de 20 dias em coma na UTI.
Três meses e meio de internação hospitalar.
Vértebras removidas, medula suturada,
parafusos meticulosamente encaixados.
A mesma simbiose precisa com que a
vida do Marcio se encaixa na nossa vida.

Passado meio ano, a ferida é tão profunda que resiste em fechar,
a dor é tão intensa que recusa aliviar,
apesar do cuidado e dos curativos.
Mas as chances gigantes de sequela... ufa... o pior foi vencido!
Porque naquele 25 de outubro de 2017
um “complô” de Marcios salvou a minha família.

Primeiro o cirurgião vascular Marcio Miyamoto, que desviou a circulação sanguínea, impedindo
um *replay* do choque de 2015, na cirurgia que durou 15 horas.
Depois os cirurgiões ortopédicos, liderados pelo Professor Doutor Marcio Moura,
que é referência em Oncologia Ortopédica no Brasil
e justificou toda a nossa fé, devolvendo o nosso Marcio inteiro e em pé.

Nosso Marcio... que desprezou o pior prognóstico
concentrado na vitória, jamais no tormento ou no lamento.
Que poderia reclamar mas prefere resolver,
buscando todos os recursos, da alimentação à fisioterapia,
da medicação ao tônus mental... ao treino espiritual.

Às vezes a vida pira. Mas que sorte... ela gira... e muda o mundo ao redor...
Às vezes a vida inspira... e revela o jardim que o choro fez brotar.
Quando o amor ampara, nosso tempo - que não para – demonstra seu valor.

Passado meio ano de tantas mudanças,
o Marcio até poderia viver de memórias, mas é movido a motivos.
Nenhuma motivação provoca revolução.
Mas um motivo... ah... este sim leva à ação:
curar a si pra cuidar de nós. Conduzido

pelo poder que a gente detém quando se permite **amar além, amar alguém** com tamanha verdade e tenacidade que o mundo encolhe, desacelera e nos convence que pra ser feliz, estar vivo é suficiente.

No métier de mãe, difícil não é carregar, é conduzir.

Não raro, quando sou mestre de cerimônias em lindas formaturas, me impressiono com os discursos em nome da turma. Garotas e garotos tentando ser gentis sob a total ingenuidade que só a experiência haverá de apaziguar. Agradecendo aos pais pelas fraldas trocadas e noites em claro. Ah! Se soubessem... que essa parte é a mais fácil no métier de uma mãe.

Simples, na maternidade, é tudo aquilo onde se encaixa o “socorro”. Que pode ser dividido. Assumido por avós, pela babá, pelos padrinhos e amigos.
Difícil, no métier de mãe, não é dar colo por horas a fio.
Não é virar tartaruga, levando a casa consigo.
Não é ter o sono interrompido por noites e noites e noites seguidas.
Difícil não é carregar, é conduzir!
Não é brincar, mas guiar!
Não é mandar. É revelar razões!
Perceber os interesses genuínos e se abster até que descubram sozinhos.
Ladrilhar “invisível” o melhor caminho.
Alicerçar as cercas sem interferir nas escolhas.
Amar, zelar, cuidar sem condenar as diferenças, sem fomentar um “clone”, sem se apossar da independência.

Difícil, na maternidade, não é alimentar o corpo, é nutrir o espírito.
Conter a vontade de fazer o que já alavancamos ao automático – arrumar o quarto, organizar os papéis, separar a roupa da próxima festa – pra induzir a descoberta dos próprios gostos, do próprio jeito, do estilo que otimiza o amor-próprio e a auto-estima.
E por mais que a gente eduque,
que repita à exaustão protocolos e lições,
nada é tão difícil quanto formatar o coração.
Preparar pro não.
A administrar a frustração.
Mostrar o mérito de persistir, resistir, insistir até reduzir a distância que separa o desejo da conquista.
Convencer que nenhum “atalho”,
por mais que acelere os resultados,
supera o sabor do aprendizado que só a peregrinação provê.

Difícil, na maternidade, não é protelar o sono, pra embalar, amamentar, confortar com amor na hora da cólica. Difícil é questionar(se), antecipar como-quando-o quê posso fornecer pro saldo da vida vencer a expectativa.
Diminuir a incidência dos perigos.
Aumentar a presença dos amigos.

Dividir os problemas em lotes solucionáveis.
Multiplicar os talentos em vitórias colecionáveis.
Porque nada ampara mais uma mãe no seu métier,
do que se convencer...
que tudo aquilo do que a mãe abriu mão,
de abrir pacotes prontos pra descascar as verduras,
do desenho na TV pelo lápis pelo papel que vira avião,
da hipnose dos games pelo raciocínio em ebulição,
da conveniência do sim pela conversa e conciliação,
da lua-de-mel a dois pelo deixa pra depois...
tudo convergiu, feito o rio que corre pro mar, no que mãe almeja mais:
um filho seguro, feliz e capaz de viver em paz.

Em cada criança, a criação

*Como o amor e o abraço
maternidade é um laço
entre ensino e aprendizado
questionamento e respeito
a brincadeira e o dever.
Em cada criança,
vislumbrar a criação,
a natureza que convida,
permeável à euforia da vida.
É cada um e todos juntos
o exclusivo e o coletivo
é conversa e conciliação
o futuro em construção.
Abdicar do giz pela tecnologia,
voar com as folhas nas asas da fantasia,
crescer numa geração e
forjar outra melhor, mais feliz e sadia.*

Como amar gesta amor, cada ação gera uma reação.

*Às vezes me pego golpeada por um amor tão grande, tão virtuoso, que eu nem julgava existir...
amor de mãe por filha... de mulher “amadora” na arte de criar... por uma filha “expert” na arte de
recompensar... E fica inevitável não pensar na perfeição desta equação... Como amor gesta amar,
em tudo o mais que pudermos plantar: vamos colher o que cismamos semear.*

Pra um amor gigante,
ame sem condicionante,
ouse fazer-se feliz.
Pra felicidade brotar num triz,
troque os lamentos

por bons pensamentos:
adube as melhores lembranças
e na mesma medida a esperança
em dias que parecem perfeitos,
como se fossem feitos
à mão, pelos amigos.
Pra ter alguém sempre consigo,
seja aquele que se importa,
se precisar se transporta
pra arrancar as ervas daninhas.
A parceria não cresce sozinha,
é fruto da fidelidade, é preciso falar verdades,
pros outros e pra si.
Sim!!!

Quer respeito?
Comece respeitando seus limites e potenciais.
Não se exija demais.
Mas também não se acomode.
Talento escondido implode...
Cultivado, realiza.
Por isso, descubra o que move e motiva.
Não paute sua vida
no padrão dos outros.
Sinta-se entre os poucos
que emergem conscientes,
enraizados no presente.
Quer ser forte?
Tenha foco.
Quer ser visto?
Antes olhe ao redor,
comprometa-se em tornar o mundo melhor.
Quer sucesso?
Então se transforme em quem precisa ser
pra merecer.
Mude se for preciso.
Pensamentos, sentimentos e atitudes.
Pratique a “melhora”, amiúde.
O que desejar, comece agora a regar.
E tudo o que plantar há de prosperar.
Como amor de mãe, que nunca encontra o limite,
assim matura a natureza. Tarda mas não se omite!
Toda reação é um fruto-resposta à nossa ação.

Um tempo só... só para si

O exagero de cobranças, e aqui não cabe gênero - porque vale pras mulheres, homens, na fase do estudo e do apogeu profissional, explorando o mundo num intercâmbio ou desbravando a vida na maternidade – nos impele a buscar mais e mais referências em quem deu conta da vida real. Virou o cabo da Boa Esperança. Triunfou apesar das limitações. Encontrou uma fórmula pra conciliar trabalho e família, rotina castradora e cuidados com a saúde, amor próprio e contribuição ao coletivo. OK, bem sei: nenhum conselho opera no copiar-colar. Mas adoro me espelhar nos que têm sucessos pra contar.

Depois da Kim Phuc, Embaixadora da Paz pela Unesco; Mario Cortella, Bernardinho, Drauzio Varella, Coronel Leite, Augusto Cury e centenas de palestrantes que amei escutar, neste sábado foi a vez de ouvir a Monja Coen, missionária zen budista que tendo passado dos 70 anos mantém a produção em ebulição: como escritora, palestrante e porta-voz da paz. Convidada para encerrar o Ritos Despertar, que levou mais de 500 pessoas para uma imersão em “auto-iluminação” no Jurerê Sports Clube, a Monja compartilhou mensagens que merecem reflexão.

Começou, curiosamente, com o valor da frustração...

O quanto perdemos assumindo papéis, criando uma ideia falsa de nós mesmos no afã de aprovação.

Em vez de usufruir das diferenças, aprender com as reprovações, perceber a riqueza que reside no contraponto, quando o outro nos “completa” por não pensar como nós.

Depois, falou nos riscos do apego. Do quanto deter o controle prende as nossas mãos. Faz de nós prisioneiros do papel de dominador. Curiosamente “dominados” pela imposição de comandar... pessoas e situações.

Quando eu troco o olhar crítico pelo olho no olho, com empatia em vez de julgamento, quando eu abduco da razão pelo diálogo, quando o egoísmo cede ao bem comum, quando eu aceito a multiplicidade e comemoro a conquista do outro, eu ganho mais do que todos. Porque deixo de ser insignificante e passo a ter significado. Posso contagiar o coletivo. Como faz a Monja Coen.

Por trás da voz suave, vi a autenticidade... nas palavras, nas lições que inquietaram a minha mente e aqueceram meu coração. Percebi que as minhas “vontades” não podem provir da sociedade. Têm que emergir das minhas verdades. E isso cada um descobre por si... A sós... Designando um tempo só pra si.

Pra mim...

sucesso não é ter motorista, mas um amor sentado ao lado;
sucesso não é um cheque em branco, mas conhecer as rugas do banco
onde espero sem pressa a chegada da filha perfeita;
sucesso não é subir no camarote,
é preservar nosso dote: corpo são e mente forte;
sucesso não é ter fãs, mas amigos fieis;
não são as regras rígidas, mas a razão pra fazer melhor;
não é seguir os outros, mas saber o que faz sentido
pra mim...

Por isso, agora mesmo, acate este compromisso:

designar um tempo só... só pra si... até sincronizar
inconsciente, ideias e intuição.
Um tempo só... só pra si... até sintonizar
àquele momento em que a vida podia estacionar,
porque aí reside a verdade, as vontades e a prosperidade.

Uma amiga muda a vida

Certa ocasião, num Verão opaco por mais que o azul dominasse o céu, tentando quase em vão contornar a cortina de dor que sugava da vida toda cor, fiz uma amiga.

Recém-chegada de São Paulo, lotada de triunfos, incluindo a estada a trabalho no Plaza Athénée em Paris; lotada de sonhos, como estudar em Yale, a universidade centenária onde encaixou o Doutorado, logo virou *best friend forever*, com quem as horas passavam voando.

E tantas vezes me senti à vontade pra repetir meus traumas - a perda da minha mãe simultânea ao diagnóstico de um câncer tratado com bebê no colo – que ela já via o roteiro por outro ângulo: via a força sob a doença, a competência sob a letargia, o amor sobre tudo.

Desmistificando o impossível, empurrando lá pra cima a minha auto-estima, fez brotar a coragem pra tentar o Mestrado na mesma UFSC onde ela e o meu marido cursavam Doutorado. E acreditem: não só estudei de graça como conquistei bolsa de estudos em concorrida seleção.

Logo eu... que escondia as asas dentro do roupão! Mas uma amiga muda a vida... E a Cynthia, que não tardou a conquistar um cargo efetivo do outro lado do Brasil, deixou feito cometa um rastro de luz por aqui.

Um ano mais tarde, a Páscoa em família foi em Foz do Iguaçu, e o “encontro” já se deu no check-in. Da minha idade, com a filha da idade da minha filha, a turista de Curitiba passou a dividir conosco todos os programas e refeições do resort, enquanto as meninas se divertiam na recreação.

A empatia era tão sincera que logo extrapolamos as fronteiras do hotel, lotando um carro de risadas rumo aos pontos turísticos. No voo de volta, sentada do meu lado, ela já era *best friend forever*, ainda que o frio ocultasse seu segredo sob o casacão.

Até hoje, não sei se é anjo, se é fada, mas sei que é alada! Uma amiga com asas... Porque mais de um ano depois, quando enfim encontramos em Curitiba o melhor especialista pra extrair de dentro do osso o tumor que imobilizava o meu marido, ela pôs tudo o que tinha à nossa disposição.

Na casa dela, passei os piores 23 dias da minha vida, incluindo os 19 em que o Marcio “dormia” e definhava no leito da UTI. Quando voltava à noite, devastada, ela me esperava com sopa morna e uma acolhida tão quente que mesmo com o futuro à deriva era impossível não dormir em paz.

Mobilizando a filha, a empregada, a sogra, o ex-marido, o namorado, proporcionou pra minha filha o melhor cuidado enquanto eu cuidava do Marcio. Dela, tirei até o sangue, negativo e compatível à demanda gigante de quem consumiu 14 bolsas na longa e turbulenta cirurgia de 15 horas.

Da amizade “de infância” forjada em um feriado, tirei a esperança que me manteve inteira quando tudo ao redor parecia ruir. E depois de tanto explorar, ainda ganhei bis! Porque a longa internação de três meses em 2015 exigiu novo round, elevando pra 20 o total de cirurgias no final de 2017.

Conciliando trabalho em tempo integral com o Doutorado em arquitetura, a Gisele foi como arco-íris, surpreendendo em pleno temporal, cuidando de nós em casa e no hospital, propondo os escapes que restauravam o astral: no clube, no parque, na academia, no shopping vestido pro Natal.

Uma amiga muda a vida. Uma conversa muda a vida. Uma história ouvida, também muda a vida.

Por isso, aceitei o convite da ACIF Mulher, da Rede da Mulher Empreendedora e do Núcleo da Mulher Empresária da Associação Empresarial de Itajaí pra compartilhar momentos que não se perdem no tempo. Onde me convenci do poder do amor, da amizade e da sororidade. Da força que emerge quando as mulheres se conglomera por uma causa, se abraçam em merecida pausa, entrelaçam medos, sonhos e talentos sem cobranças, sem pôr na balança o que empresto e o que arremato, sem pactuar herança pra se sentir irmã.

Se uma amiga muda a vida, imagine o poder que emana de amigas reunidas... convencidas... de que nenhum entrave doloroso sobrevive ao bálsamo mais poderoso: o bem-me-quer de quem quer-meu-bem.